MARTIM DE GINZO,

JOGRAL PORTUGUÊS

BARCELOS
1.134.3-1Ginzo,M
P

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

MARTIM DE GINZO, JOGRAL PORTUGUÊS

COM FOTOGRAVURAS
DO CANCIONEIRO DA VATICANA
E DOUTROS CÓDICES

BRAGA
1960

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

Ao ínclito vereador do pelouro da cultura
da Câmara Municipal de Barcelos,
gostosamente ofereço

MARTIM DE GINZO,

JOGRAL PORTUGUÊS

o obscuro autor,
P. A. Lopes.

COM FOTOGRAVURAS
DO CANCIONEIRO DA VATICANA
E DOUTROS CÓDICES

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26831

Barcelense
Pereira

BRAGA
1960

BIBLIOTECA MUNICIPAL
MADRID
28031

DO AUTOR:

Gomes Pereira. Estudo bio-bibliográfico. Barcelos, 1950.

Pequena história dum grande seminário. Opúsculo comemorativo. Edições «Cenáculo». Braga, 1950.

Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson. Excerto da tese de doutoramento. Braga, 1959.

Separata de

4

Ventos

Revista lusíada de literatura e arte,

2.ª série, tomo I (1959), n.os 3-4.

Aos Ex.mos Senhores

Dr. António Alves Martins Coimbra

e

Rev. Dr. Manuel António de Paula

grata homenagem
do autor.

Preâmbulo

Ao demonstrar em 1946 a nacionalidade portuguesa do trovador medieval D. João Garcia de Guilhade [1], sugeri, como argumento confirmatório da minha tese, a identificação de um certo *Martin jograr,* a que o citado trovador alude, com o jogral Martim de Ginzo, cuja terra de origem, nesse caso, se poderia fixar na antiga paróquia de Ginzo, do concelho de Barcelos.

Conquanto isto não passasse então de simples conjectura, nem por isso a abandonei, a ponto de em 1949, num pequeno estudo sobre *Portugal e Santa Cecília* [2], me pronunciar já, embora de passagem e não definitivamente, a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo.

Circunstâncias várias, extrínsecas ao tema, fizeram-me interromper a recolha e a ordenação dos materiais, de modo que só agora posso apresentar ao público um trabalho que, quanto às suas linhas essenciais, já foi delineado há muito.

Escusado encarecer a importância do género de estudos a que este trabalho

---

[1] Cf. *D. João Garcia de Guilhade — quem foi? onde nasceu?,* art. publicado em *Cenáculo,* Revista dos alunos do Seminário Conciliar de Braga, I (1945-1946), pp. 159-168.

Que eu saiba, a minha demonstração da nacionalidade *portuguesa* do trovador tem sido aceite por todos os autores que até hoje dela tiveram conhecimento. Cf. *Letras e artes,* suplemento literário do jornal *Novidades* de 25-IX-1946; Arlindo RIBEIRO DA CUNHA, *A língua e a literatura portuguesa* [5], Braga, 1959, p. 77; Álvaro Júlio da COSTA PIMPÃO, *História da literatura portuguesa, Idade média* [2], Coimbra, 1959, pp. 115-116, 125-126; Feliciano RAMOS, *História da literatura portuguesa* [4], Braga, 1960, p. 60.

Quanto à naturalidade *barcelense* do poeta *(lugar de Guilhado da freguesia de Milhazes, Barcelos),* os mesmos autores a aceitam, notando-se apenas alguma reserva da parte de COSTA PIMPÃO (*obra cit.,* p. 126). Continuo mantendo a minha afirmação da naturalidade barcelense do trovador, não só pelas razões indicadas no meu citado trabalho (as quais, por si sós, julgo suficientes), mas ainda por outras que apresentarei noutro lugar e dentro em breve, se o tempo mo permitir.

[2] Publicado na revista *Cenáculo,* IV (1948-1949), pp. 150-156. A referência a Martim de Ginzo acha-se nas pp. 154-155.

pertence. Melhor do que ninguém a exprime o abalizado mestre de literatura portuguesa medieval, Rodrigues Lapa, quando escreve:

«Ainda hoje é difícil, a não ser num ou noutro caso isolado, tratar a fundo da personalidade dos trovadores. Para isso é indispensável que haja edições rigorosamente críticas dos principais autores e que se investigue nos arquivos portugueses, galegos e espanhóis o possível noticiário sobre a vida de cada um — tarefa ainda por fazer» [3].

Talvez não seja inteiramente inútil nem inoportuno advertir que as razões verdadeiramente ponderáveis, em estudos como este, são as frias razões de ordem puramente histórica, e nunca a paixão patriótica ou bairrista, muito embora possam as conclusões lisonjear esse sentimento, em si legítimo. Não será este, pois, mas será o respeito pela verdade, que me fará discordar de quem tem atribuído naturalidade galega ao poeta em questão.

Uma palavra sobre o plano deste trabalho:

Não é sem dificuldades que se agita o problema da naturalidade dos poetas medievais galego-portugueses. Por um lado, a comunidade da língua e as estreitas relações que mùtuamente aproximavam os habitantes de aquém e além-Minho, e, por outra parte, o facto de se encontrarem, quer em Portugal. quer na Galiza, muitos dos topónimos que acompanham o nome dos poetas ou figuram nas suas composições — tudo isto nos mostra a complicação do problema e a necessidade que há de buscar e ponderar o maior número possível de dados para chegar a conclusões que, mesmo assim, nem sempre poderão ser peremptórias.

Tendo isto em conta, há que examinar, antes de mais, as poesias de Martim de Ginzo: os dados que o seu conteúdo oferece, juntamente com o próprio nome do poeta, hão-de ser o fulcro das conclusões a respeito da sua naturalidade.

---

[3] Manuel RODRIGUES LAPA, *Lições de literatura portuguesa, Época medieval* [3], Coimbra, 1952, p. 119.

I

A obra poética de Martim de Ginzo

1. O texto

Acham-se as cantigas de Martim de Ginzo tanto no Cancioneiro da Biblioteca Nacional (*CBN*) como no da Vaticana (*CV*).

Do primeiro existe já, felizmente, uma edição, com fac-simile e transcrição, ao alcance de todos: é a edição de Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, em curso de publicação na *Revista de Portugal* [1] (*CBNM*).

Do Cancioneiro da Vaticana é que ainda não há edição com fac-simile, o que é tanto mais de lastimar quanto raras são hoje as respectivas edições de Ernesto Monaci [2] (*CVM*) e de Teófilo Braga [3] (*CVB*).

Julguei, por isso, útil apresentar aqui em fotogravura a parte do apógrafo do Vaticano respeitante às poesias de Martim de Ginzo (*Vat. Lat.* 4803, fls. 138 v.-139), juntando-lhe a respectiva transcrição fiel, acompanhada de modesto aparato crítico.

---

[1] Intitula-se *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti,* principiou a ser publicada em 1947 e já compreende vários volumes.

[2] Ernesto MONACI, *Il canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana,* Halle, 1875.

[3] Teófilo BRAGA, *Cancioneiro portuguez da Vaticana,* Lisboa, 1878.

Vão entre colchetes as palavras que faltam ao manuscrito (trata-se quase só de partes de refrãos, já conhecidas dalguma estrofe anterior). Quanto à demarcação dos versos, ative-me à do apógrafo, excepto nas cantigas I e V. Desdobrei as abreviaturas, separei as palavras que nele vêm juntas e estabeleci com sobriedade a pontuação que me pareceu mais conveniente.

I

(CVM e CVB, n.º 876; CBN, n.º 1270; CBNM, n.º 1219)

[Fl. 138 v., A] *Como vyvo coytada, madre, por meu amigo,*
ca m envyou mandado que se vay no ferido,
e por el vyvo coytada!

Como vyvo coitada, madre, por meu amado,
ca m envyou mandado que sse vay no fossado,
e por el [vyvo coytada]!

Ca m envyou mandado que sse vay no ferido,
eu a Sancta Cecilia de coraçon o digo
e por el vyvo [coytada]!

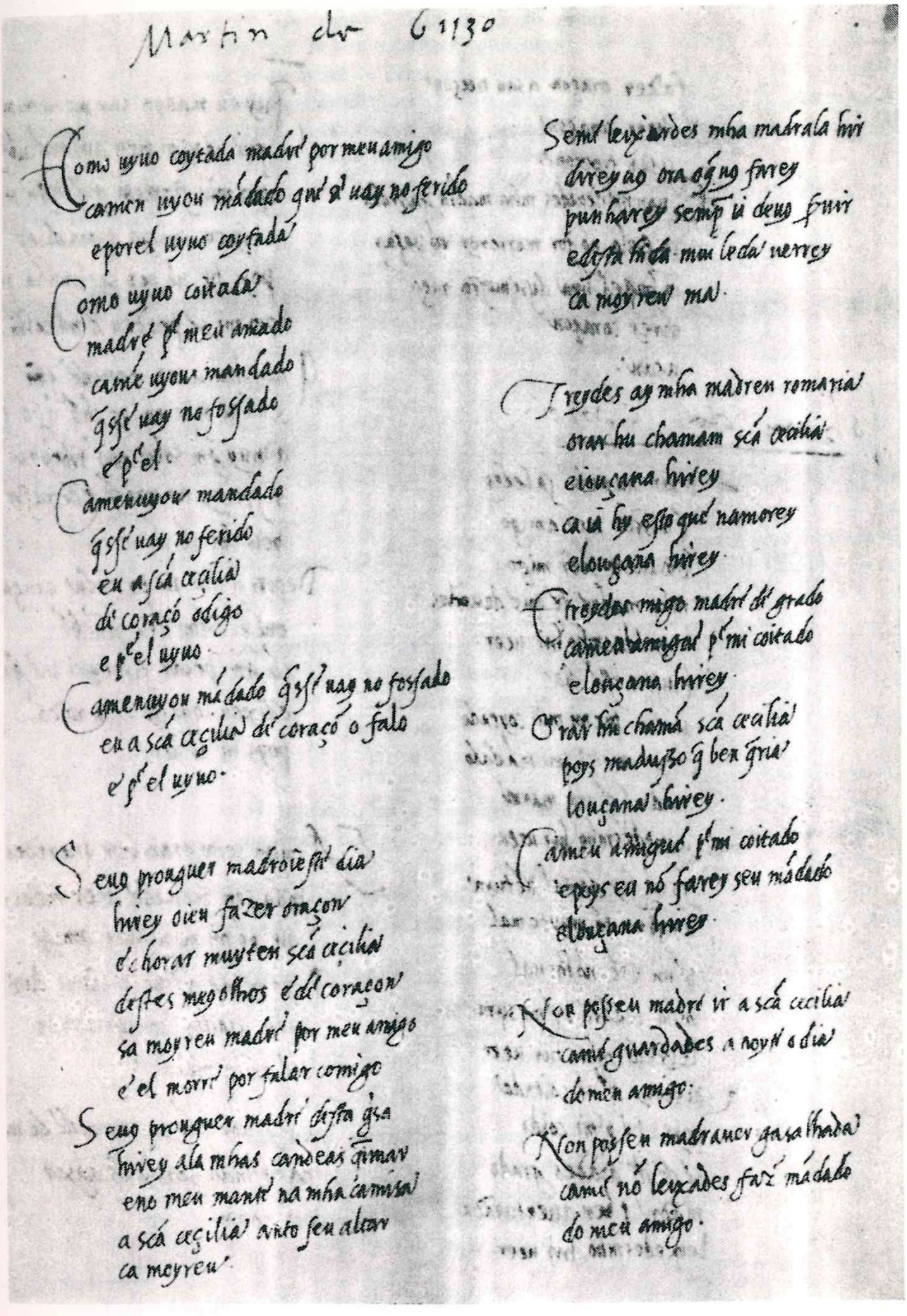
Ca m envyou mandado que sse vay no fossado,
eu a Sancta Cecilia de coraçon o falo
e por el vyvo [coytada]!

V. 1 : *Como*. Assim no *CBN*. No *CV* lê-se : *E Como*. Mas, em vez deste *E*, não se tratará, antes, de um *C* riscado, porque repetido? À margem, no *CV*, está um *C*.
V. 4 : *amado*. No *CBN* lê-se : *amigo*.
Vv. 8-10 : Faltam no *CBN*.

II

(CVM e CVB, n.º 877; CBN, n.º 1271; CBNM, n.º 1220)

Se vos prouguer, madr, oj este dia
hirey oj eu fazer oraçon
e chorar muyt en Sancta Cecilia
destes meus olhos e de coraçon,
ca moyr eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.



GRAV. I

Cancioneiro da Vaticana,
fl. 138 v.

Se vos prouguer, madre, desta guisa
hirey ala mhas candeas queimar
eno meu mant e na mha camisa
a Sancta Cecilia ant o seu altar,
ca moyr eu [, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo].

[Fl. 138 v., B] *Se me leixardes, mha madr, ala hir,*
direy vos ora o que vos farey :
punharey sempre ja de vos servir
e desta hida mui leda verrey,
ca moyr eu, ma[dre, por meu amigo
e el morre por falar comigo].

V. 5 : *ca.* O *CV* diz : *sa.*
V. 15 : *ja.* Falta no *CBN.*

III

(CVM e CVB, n.º 878; CBN, n.º 1272; CBNM, n.º 1221)

Treydes, ay mha madr, en romaria
orar hu chamam Sancta Cecilia,
e louçana hirey,
ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey.

E treydes migo, madre, de grado,
ca meu amigu e por mi coitado,
e louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

Orar hu chaman Sancta Cecilia,
poys :n aduss o que ben queria,
[e] louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

Ca meu amigu e por mi coitado,
e poys eu non farey seu mandado ?
e louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

V. 3 : *louçana.* No *CV* lê-se : *iouçana.*

IV

(CVM e CVB, n.º 879; CBN, n.º 1273; CBNM, n.º 1222)

Non poss eu, madre, ir a Sancta Cecilia,
ca me guardades a noyt e o dia
do meu amigo.

Non poss eu, madr, aver gasalhado,
ca me non leixades fazer mandado
do meu amigo.

[fl. 139, A]

Ca me guardades a noyt e o dia,
morrer vos ey con aquesta perfia
por meu amigo.

Ca mi non leixades fazer mandado,
morrer vos ei con aqueste cuydado
por meu amigo.

Morrer vos ey con aquesta perfia,
e, sse me leixassedes hir, guarria
con meu amigo.

Morrer vos ey con aqueste cuydado,
e, sse quiserdes, hirey mui de grado
con meu amigo.

V. 4 : *gasalhado*. No *CV* e no *CBN* lê-se : *gasalhada*.
Vv. 13-15 : Faltam no *CBN*.
V. 17 : *sse*. No *CV* lê-se : *sser*.

V

(CVM e CVB, n.º 880; CBN, n.º 1274; CBNM, n.º 1223)

Ay vertudes de Sancta Cecilia,
que sanhudo que se foy hun dia
o meu amigo e ten sse por morto,
e, sse ss asanha, non faz hy torto
o meu amigo, e ten sse por morto.

Ay vertudes de sancta ermida,
con gram pesar fez aquesta hida
o meu amigu e ten sse por morto,
e, sse ss assanha, non faz hi torto
[o meu amigo, e ten sse por morto].

V. 5 : Imediatamente depois de *amigo*, o *CV* apresenta um traço vertical.

VI

(CVM e CVB, n.º 881; CBN, n.º 1275; CBNM, n.º 1224)

Non mi digades, madre, mal, e irey
vee lo sen verdade que namorey
na ermida do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral.

[Fl. 139, B] *Non mi digades, madre, mal, se eu for*
vee lo sen verdade, o mentidor,
na ermida do [soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

Se el non ven hi, madre, sey que farey:
el sera sen verdad e eu morrerey
na ermida [do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

Rog eu Sancia Cecilia e Nostro Senhor
que ach oj eu hy, madr, o meu traedor
na ermida [do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

VII

(CVM e CVB, n.º 882; CBN, n.º 1276; CBNM, n.º 1225)

Nunca eu vi melhor ermida nen mays sancta:
o que sse de mi enfinge e mi canta,
disseron mi que a ssa coyta sempr avanta
por mi Deus a vos grado,
e dizen mi que e coytado
por mi o perjurado.

V. 4 : José Joaquim Nunes lê este v. da seguinte maneira : «por mi Deus [dê] a vós grado», e interpreta-o assim: «*Deus dê a vós grado por* (isto é, em vez de) *mi*» [4].

V. 5: *coytado*. Esta palavra, que é do *CBN*, é preferível a *cuydado*, que se lê no *CV*.

—— Depois do v. 6, na linha imediatamente inferior, lê-se no *CV* a seguinte nota: *m̄ codaz esta nõ acho põcada.*

VIII

(CVM e CVB, n.º 883; CBN, n.º 1277; CBNM, n.º 1226)

A do muy bon parecer
mandou lo aduffe tanger:
louçana, d amores moyr eu.

A do muy bom semelhar
mandou lo aduffe ssonar:
louçana, d amores moyr eu.

Mandou lo aduffe tanger
e non lhi davan lezer:
louçana, d amores moyr eu.

Mandou lo aduffe ssonar
[e] non lhy davan vagar:
louçana, d amores moyr eu.

V. 8 : No *CV*, entre *davan* e *lezer*, foi escrita e riscada a palavra *vagar*.
V. 9: *moyr*. O *CV* diz: *muyr*.
Vv. 7-9 : Omitidos em *CBNM*.

---

[4] José Joaquim NUNES, *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, II (Coimbra, 1926), p. 440, e III (Coimbra, 1928), p. 417.

Gami' gnardades a noyteo dia'
morreruo ey có agsta perfia
por meu amigo.
Gami nó leyxades faz' mádado
morreruo ei có agsti cuydado
por meu amigo
Morreruo ey có aguesta perfia'
esemi' leixa ysedes hir guorria'
cón meu amigo
Morreruo ey có agsti cuydado
esse q̃ sedes hirey mui di' grado
con meu amigo.

Ay uertudes di' scá cecilia'
qui' sanhudo qui' st foy hun dia
o meu amigo etensi' por morto
esfesa sanha non faz hy torto
o meu amigo etensi' por morto
Ay uertudes di' scá ermida'
có gñ pesar fez agsta uida'
o meu amigu'
tensi' dor morto
esfesa sanha nõ faz hi torto

Non mi digades madri' mal eirey
ueelo sen uerdade qui' namorey
na ermida de souera'
hu mel fez muytas ueedes coytada estar
na ermida de souera'

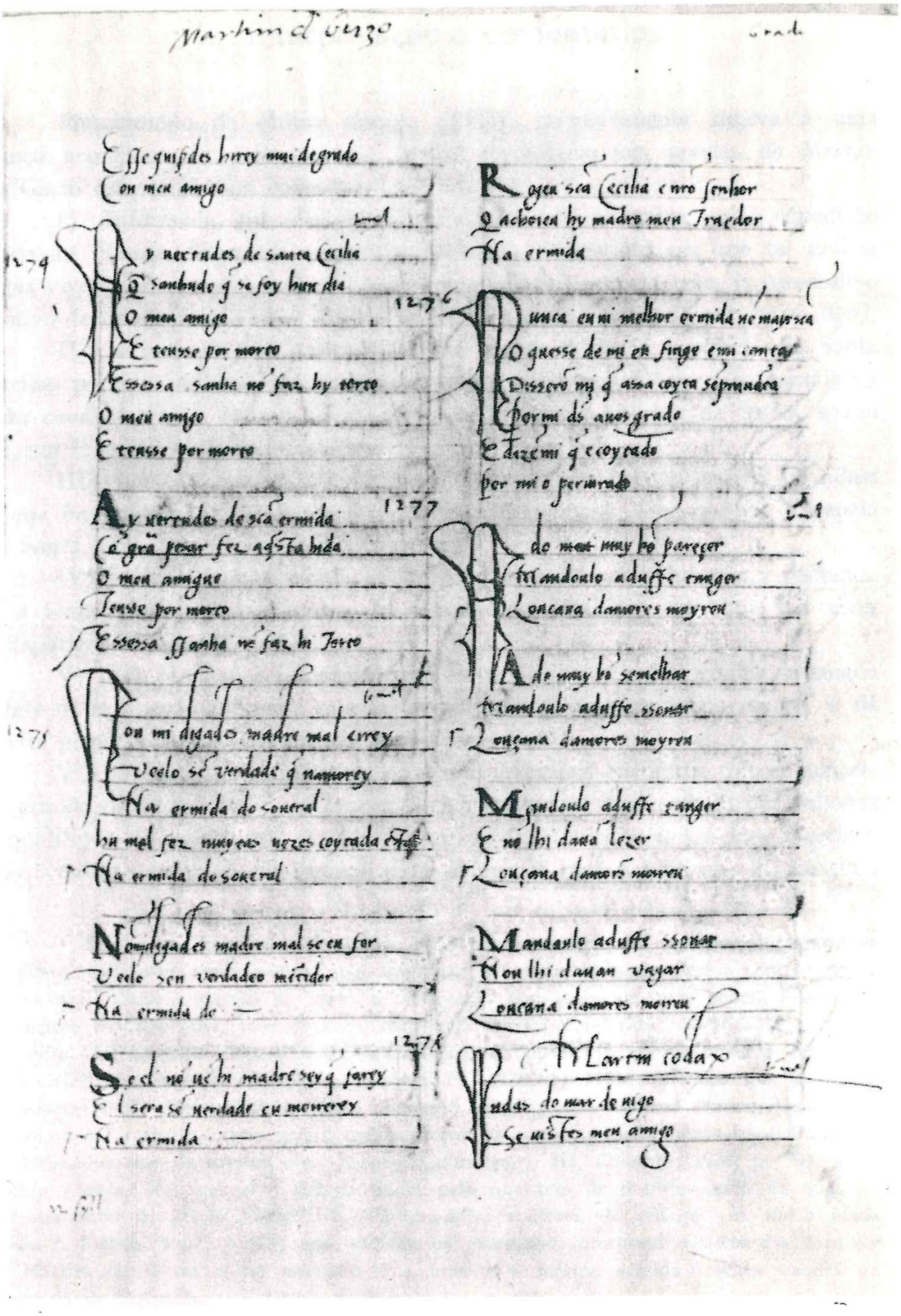
Non mi digades madri' mal st eu for
ueelo sen uerdadeo mentidor
na ermida do
Se el nó uen hi madri' sey q̃ farey
el sera sen uerdade eu morrerey
na ermida'.
Rogen scá cecilia' enró senhor
q̃ acheo ieu hy madre meu traedor
na ermida'.

Nunca eu ui melhor ermida' né mays scá
oquessi' demi en fingeremi canta'
dissero mi qui' assa coyta sempra uanta
por mi deus anos grado
edizen mi qui' cuydado
por mi o perdirado
nñ codaz esta nó achou pocada'

Ado muy bon parecer
mandoulo adussi' tanger
louçana damores moyreu'.
Ademuy bom semelhar
mandoulo adussi' sonar
louçana' damores moyreu'
Mandoulo adussi' tanger
enel hi dauan mager lerer
louçana' damores muyreu'.
Mandoulo adussi' sonar
nõ hy dauan uãgar
louçana' damores moyreu'.

GRAV. II

Cancioneiro da Vaticana,
fl. 139.



GRAV. III

Cancioneiro da Biblioteca Nacional,
fl. 269.

2. Interpretação e comentários

Prescindindo da última cantiga (VIII), provàvelmente alusiva a uma dança acompanhada pelo som do adufe, encontra-se nas poesias de Martim de Ginzo este romântico entrecho:

I) Informada, pelo *amigo*, de que este se vai incorporar numa expedição guerreira *(ferido, fossado)*, a rapariga desabafa o desgosto em que tal notícia a faz viver *(por el vyvo coytada)*, já patenteando-o à própria mãe, já tornando-o motivo de fervorosa súplica a Santa Cecília *(a Sancta Cecilia de coraçon o digo)*,

II) e pede encarecidamente à mãe que a deixe ir à ermida de Santa Cecília, para lá, vestida (por promessa?) com traje especial *(eno meu mant e na mha camisa)*, rezar, chorar e pôr velas a arder diante do altar da Santa, a fim de que Esta lhe obtenha o regresso do *amigo*.

III) Atendida por Santa Cecília, que lhe trouxe o bem-querido *(m aduss o que ben queria)*, pede agora à mãe que a acompanhe *em romaria* à capela da Santa, onde o *amigo* a está já esperando.

IV) A mãe, porém, vigia, dia e noite, os passos da filha, não a deixando ir a Santa Cecília, ao encontro do namorado — proibição esta que faz viver a rapariga em mortal anseio.

V) Sempre com o pensamento em Santa Cecília e na Sua ermida, a amada refere-se ao enorme despeito que tal proibição terá provocado no *amigo*, e dá a este plena razão *(sse ss assanha, non faz hi torto)*.

VI) Despeitado, suspende ele os seus habituais encontros com a donzela na ermida de Santa Cecília *do soveral* [5]. A namorada é que, embora por palavras o qualifique de mentiroso e traidor *(lo sen verdade, o mentidor; o meu traedor)*, não acredita que ele fique amuado para sempre, e roga à mãe que lhe consinta

---

[5] Da leitura imparcial da cantiga VI e do seu cotejo com as demais composições do poeta, não se vê razão para se não identificar a ermida de Santa Cecília com a ermida do soveral. Dada a clareza do texto, a observação que acabo de fazer poderá afigurar-se até ociosa e inoportuna, mas de facto não é, já porque a referida identificação constitui elemento valioso para a questão da naturalidade do poeta, já porque o sábio José Joaquim NUNES (*Cantigas d'amigo...*, I, Coimbra, 1928, p. 311) pretendeu que a ermida do soveral teria sido «outra ermida», diferente da de Santa Cecília. Tranquilizemo-nos, porém, a tal respeito, visto que o mesmo Autor se retratou, pelo menos implìcitamente, no último volume da mesma obra (*Cantigas d'amigo...*, III, Coimbra, 1928, p. 594, s. v. *Cecília (Santa) do Soveral)*. Aduzo ainda, pelo que tem de desinteressado na questão, o testemunho de Mário MARTINS *(Peregrinações e livros de milagres na nossa idade média* [2], Lisboa, 1957, p. 19) que, embora de passagem, interpreta o texto das cantigas de Martim de Ginzo como referindo-se a uma e a mesma ermida — «S.ta Cecília ou a ermida do Soveral».

ir novamente à ermida, pedindo a *Santa Cecília e Nosso Senhor* que lho façam lá encontrar.

VII) Provàvelmente incompleta, a sétima poesia fala já da reconciliação do *perjurado,* agora cada vez mais apaixonado *(a ssa coyta sempr avanta)* pela donzela, a qual, agradecida a Santa Cecília, boa razão tem para dizer: *Nunca eu vi melhor ermida nen mays sancta.*

*

* *

Dois pormenores sobressaem neste enredo: a intervenção materna e a função desempenhada pela ermida.

Sabido é que a intervenção materna constitui um dos temas mais importantes e mais largamente versados nas cantigas de amigo. Conforme já em tempos observei [6], não se trata de simples artifício literário; está aqui, pelo contrário, um dos melhores índices da sinceridade das mesmas cantigas. Quem ler atentamente as de Martim de Ginzo verificará isso mesmo, verá que a intervenção da mãe lhes confere o movimento, o colorido, o interesse da verdade, da realidade intensamente vivida.

Relativamente ao papel que a ermida exerce, quase o mesmo se pode dizer. As cantigas de romaria dos poetas medievais, e em particular as de Martim de Ginzo, documentam abundantemente uma realidade, que o não deixou de ser ainda hoje, a saber: a importância individual e social do factor religioso — aqui, a devoção a Santa Cecília —, ainda quando desfigurado por excessivos elementos profanos que tantas vezes se lhe associam.

Garantia de sinceridade poética, temo-la ainda na encantadora simplicidade formal destas composições e na feitura espontânea das mesmas. Releiam-se, por exemplo, as cantigas I e IV: aí temos, enroupados na simplicidade e na frescura da sua linguagem popular, aí temos verdadeiros «gritos de alma», autênticas «flores silvestres da canção», para me servir de palavras de Aubrey Bell [7].

Pode-se, pois, muito bem supor que Martim de Ginzo. ao criar tão delicadas trovas, embora as depusesse em lábios femininos, estava a delinear e a viver um

---

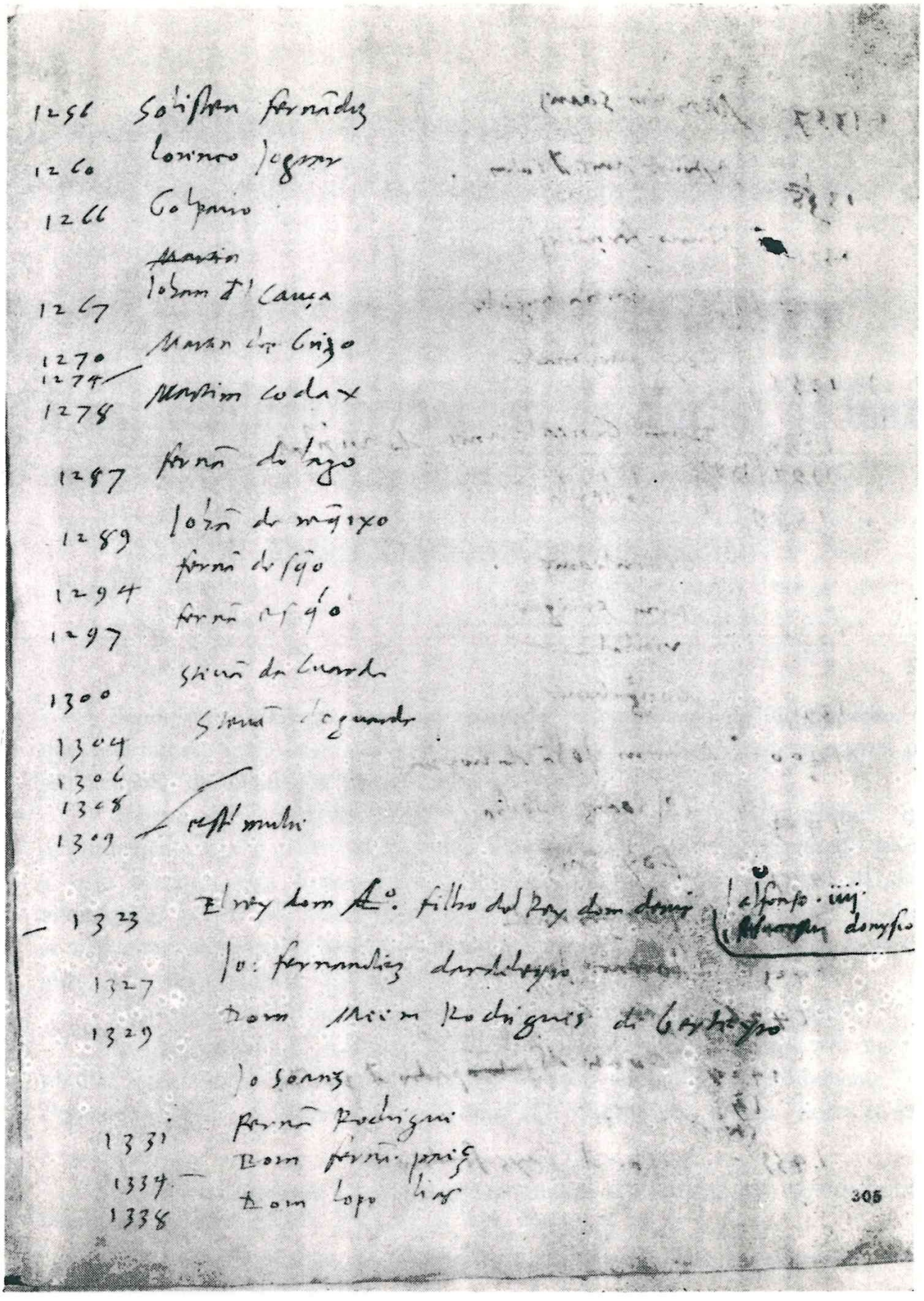
[6] No artigo *A mãe e a filha nos «cantares de amigo»*, publicado em *Cenáculo,* II (1946-1947), pp. 146-163.

[7] Aubrey F. G. BELL, *Da poesia medieval portuguesa,* trad. A. A. DÓRIA, Coimbra, 1933, pp. 6-7, 38.

drama que era seu também, e não só da mulher amada [8]. Aliás, o carácter autobiográfico destas canções entrevê-se bem no próprio texto da cantiga VII (2.º verso): aí se dá a entender que o amigo da donzela era um cantador — e Martim de Ginzo era-o, naturalmente, dada a sua condição de jogral.

Nesta mesma ordem de ideias, há que registar ainda, como dado autobiográfico de eventual interesse para a questão da naturalidade do poeta, a informação da cantiga I acerca da participação do *amigo,* ou seja, do próprio Martim de Ginzo, numa expedição guerreira.

[8] Como bem observa Arlindo RIBEIRO DA CUNHA *(A língua e a literatura portuguesa* [5], Braga, 1959, p. 54), os autores das cantigas de amigo «simulavam-se mulheres [...] e exprimiam [...] os sentimentos que supunham ter as amadas, ou desejavam que tivessem, para consigo».



GRAV. IV

Página do Códice 3217
da Biblioteca Vaticana.

II

A naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo

1. Dados fundamentais da questão

Sendo este problema, por sua natureza, um problema de identificação, há que determinar, antes de mais, o próprio nome do bardo em causa, e o grau por este ocupado na hierarquia poética medieval.

Martim era o seu nome de baptismo. A ele se ajunta o apelido, que evidentemente não é patronímico, mas indicativo do lugar de origem do poeta, a cujo prenome está ligado pela preposição *de*. Esta última particularidade onomástica, por si só, basta para se poder atribuir ao poeta, como de facto se tem unânimemente atribuído, a modesta categoria de simples jogral, sugerida, aliás, pelo jeito popular das suas cantigas [1].

Qual é, porém, o topónimo exacto que serve de apelido ao poeta?

O Cancioneiro da Vaticana *(fl. 138 v.)*, conforme se pode ver na respectiva fotogravura, diz: *Martin de Giizo* — lição adoptada, nomeadamente, por Fernando Wolf [2] e Ernesto Monaci *(CVM)*. Com esta mesma lição *(Giizo)*

---

[1] Sobre a onomástica jogralesca veja-se Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Concioneiro da Ajuda*, Halle, 1904, II, p. 626, nota 2.

[2] F. WOLF, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, Berlim, 1859, p. 705.

parece ainda concordar o Cancioneiro da Biblioteca Nacional (*fl. 269*, de que também publico fotogravura [3]).

Não assim a folha 268 deste mesmo cancioneiro (veja-se o respectivo fac-simile em *CBNM*), onde se lê: *Martin de Grizo*.

Com esta última variante concorda, ao que parece, a que figura na lista de poetas medievais existente no códice 3217 da Biblioteca Vaticana (veja-se a respectiva fotogravura), embora Ernesto Monaci a leia de outro modo, indevido, a meu ver [4].

Vista a divergência dos três antigos manuscritos quanto ao sobrenome do jogral, não é de estranhar que ainda mais discrepantes sejam as interpretações desse apelido apresentadas de há um século para cá. Assim, Teófilo Braga [5] alvitrou: *Giizo, Giijo* e *Frayson*. Carolina Michaelis [6], por sua vez, apresenta as seguintes versões: *Giizo, Ginzo, Ginzó, Gijon, Grijó* e *Guizo*.

Qual delas será preferível?

Rejeitando como fantástica a última de Teófilo Braga *(Frayson)*, não escondo, no entanto, a minha hesitação quanto às demais. Não obstante, se alguma coisa vale o consenso da maior parte dos autorizados mestres que ao poeta se têm referido — por exemplo, José Joaquim Nunes [7], Aubrey Bell [8], Ramón Menéndez Pidal [9], Álvaro Júlio da Costa Pimpão [10] e Manuel Rodrigues Lapa [11] —, então, há que optar pela variante do Cancioneiro da Vaticana *(Giizo)*, que os mesmos autores interpretam como equivalente de *Ginzo*.

Nesse caso, dever-se-á concluir, com Aubrey Bell [12], que *Martim de Ginzo* «é a forma mais provável do nome do poeta».

---

[3] Publico fotogravura desta folha 269, por o fac-simile de *CBNM* estar truncado, a ponto de ali não figurar o nome do poeta, que se encontra no alto da referida página do códice de Lisboa.

[4] A lição de E. MONACI *(CVM*, p. XXII) é a seguinte: *Martin dne brizo*.

[5] *CVB*, pp. CX, 164.

[6] *Cancioneiro da Ajuda*, II, pp. 626 (nota 2), 627, 884, 978.

[7] *Cantigas d'amigo...*, I, p. 310, e II, p. 435; *Poesia galego-portuguesa ou trovadoresca*, na *História da literatura portuguesa ilustrada*, dirigida por A. FORJAZ DE SAMPAIO, I, Paris-Lisboa, s. d. (1929), p. 102.

[8] *A literatura portuguesa*, trad. A. de CAMPOS e J. G. de BARROS E CUNHA, Coimbra, 1931, p. 25.

[9] *Poesía juglaresca y juglares* [4], Madrid, 1956, p. 32; *Estudios literarios* [4], Madrid, s. d., p. 233.

[10] *História da literatura portuguesa, Idade média* [2], pp. 86, 98, 106, 116.

[11] *Lições de literatura portuguesa, Época medieval* [3], p. 103.

[12] *A literatura portuguesa*, trad. cit., p. 25, nota 4.

Note-se, enfim, que a demonstração da naturalidade portuguesa do jogral não ficaria necessàriamente prejudicada, se um dia se provasse que o seu verdadeiro sobrenome não era *Ginzo*. Pelo contrário, se tal se provasse, prejudicado ou até anulado ficaria, antes, o argumento a favor da naturalidade galega, tal como o apresenta José Joaquim Nunes, pois, como se verá, tal argumento apoia-se na existência de uma paróquia de *Ginzo* na Galiza.

*
* *

Estas considerações relativas ao nome do jogral, mais os elementos já colhidos do exame das suas cantigas, fornecem os dados fundamentais de que depende a solução do problema e que se podem compendiar assim:

Trata-se:

1) de um *jogral,*
2) chamado *Martim,*
3) oriundo de uma localidade provàvelmente chamada *Ginzo;*
4) *membro de uma expedição militar;*
5) personagem de um amoroso entrecho decorrido nas proximidades de uma *ermida de Santa Cecília,*
6) ermida esta situada num lugar conhecido como *lugar de Santa Cecília* (cf. cantiga III: *hu chamam Sancta Cecilia)*
7) e que, ou se chamaria também *lugar do Soveral,* ou, pelo menos, seria *sítio de sobreiros,* de modo que a citada ermida se pudesse com razão chamar «ermida do soveral» (cantiga VI).

2. Precário argumento a favor da naturalidade galega

Tem-se, até hoje, considerado Martim de Ginzo como poeta galego. Contudo, entre os autores que o supõem oriundo de além-Minho [13], só um conheço que apresentou razões: foi José Joaquim Nunes, quando escreveu: «Pelo tom popular das suas cantigas creio tratar-se de um jogral, oriundo de Santa Marina de Ginzo, na Galiza, onde se encontra hoje a aldeia de Sobral, a mesma provàvelmente que os apógrafos chamam *Soveral*» [14].

---

[13] Cf. R. MENÉNDEZ PIDAL (*Poesía juglaresca y juglares* [4], p. 32), que o considera «juglar gallego», e A. J. da COSTA PIMPÃO (*História da literatura portuguesa, Idade média* [2], p. 116), que o enumera entre os poetas medievais do «grupo galego».

[14] José Joaquim NUNES, *Cantigas d'amigo...*, I, pp. 311-312.

É realmente curiosa e apreciável esta coincidência de um lugar de *Sobral* numa paróquia galega de *Ginzo* (concêlho de Ponteareas, província de Pontevedra). E, se da parte de Portugal a convergência de probabilidades não fosse, como é, muito maior e mais ponderosa do que a sobredita coincidência, ficar-se-ia até perplexo quanto à solução do problema.

Em todo o caso, antes de passar aos argumentos decisivos a favor da naturalidade portuguesa do jogral, advirto que as probabilidades favoráveis à sua naturalidade galega são mais frágeis do que à primeira vista poderão parecer:

Primeiro, porque a simples coincidência do lugar de Sobral na paróquia de Ginzo não tem, só por si, grande força probatória. Com efeito, os dados fundamentais acima enumerados não exigem que a «ermida do soveral» pertença à terra de origem do poeta.

Por outro lado, o que esses dados supõem — isso, sim —, é a existência duma ermida de Santa Cecília num lugar que, ou se chame «de Soveral» (ou Sobral), ou, pelo menos, seja sítio de sobreiros. Ora (e isto abala fortemente a posição de José Joaquim Nunes) não se conhece tradição alguma, nem oral nem escrita, relacionada com a existência de qualquer ermida, nomeadamente duma ermida de Santa Cecília, no lugar de Sobral da referida paróquia de Ginzo [15].

3. Martim de Ginzo, jogral português

1. O primeiro e grande argumento a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo está no facto de existir em Portugal (e só em Portugal, que eu saiba) um lugar de Santa Cecília, que ao mesmo tempo é sítio de sobreiros: encontra-se ele na freguesia de Sobrado, sede do concelho de Castelo de Paiva [16].

---

[15] É quanto posso inferir, inclusivamente, das informações que em Agosto de 1959 colhi, na própria freguesia de Ginzo e no próprio lugar de Sobral, da boca de pessoas idosas como os Srs. Domingo Represas Giraldez, de 90 anos, Jesús Giraldez Carrera, de 87, e Manuel Carrera Troncoso, de 78, dos quais nenhum conhece referência alguma a qualquer capela, imagem, lugar ou simples campo *de Santa Cecília*.

Aproveito a oportunidade para novamente agradecer ao ilustrado pároco de Ginzo, Rev. Cándido Lorenzo Barreiro, a hospitalidade e as informações que tão gentilmente me proporcionou.

[16] Sobre a existência do lugar de Santa Cecília, cf. Margarida Rosa MOREIRA DE PINHO, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Coimbra, 1946, p. 54, onde também se informa haver sido encontrado lá um saco de couro com moedas romanas de cobre, do século IV.

Na minha visita ao lugar, em Abril de 1959, observei que existem por lá sobreiros, o que era de esperar de um lugar situado numa freguesia cujo nome — *Sobrado*, do latim

Acrescente-se, ainda, que a existência deste lugar de Santa Cecília (e, naturalmente, da respectiva ermida, que actualmente já não existe) é comprovada por um documento da própria época em que o jogral viveu, ou seja, pelas *Inquirições* de 1258 [17].

2. Além disso, também não faltam em Portugal terras com o nome da que provàvelmente foi berço de Martim. Entre elas, sobressai Ginzo, no concelho de Barcelos, não só porque já foi paróquia, mas ainda pelos motivos que abaixo aduzirei [18], sendo curioso até o facto de uma das variantes desse topónimo, registadas nas *Inquirições* de 1220 e de 1258, ser precisamente *Giizo* [19], tal como o sobrenome exacto do poeta no Cancioneiro da Vaticana.

Nem constitui objecção a respeitável distância que separa Ginzo, Barcelos, do lugar de Santa Cecília em Castelo de Paiva. Além de que essa distância, ainda assim, é relativamente pequena, advirta-se, sobretudo, que Martim de Ginzo era jogral — era, por outras palavras, um cantador ambulante, para quem as distâncias não contariam muito. Não é, pois, extraordinário que este jogral,

---

suber, sobreiro — já por si indica a existência dessas árvores, e em cuja matriz predial rústica pude ver nomes de campos como «Leira da *Sobreira*» (vol. I, art. 319), «Leira da *Sobreira* de Baixo» (*ibid.*, art. 320) e «Leira da *Sobreira* de Cima» (*ibid.*, art. 323). Nessa mesma visita, soube pelo Sr. Vicente de Sousa, lavrador residente no lugar de Santa Cecília há 37 anos, que ainda ali existem várias leiras conhecidas pela designação comum de *Leiras de Santa Cecília*, assim como o chamado *Monte de Santa Cecília*, sobranceiro ao referido lugar.

[17] *Portugaliae monumenta historica, Inquisitiones*, vol. I, parte II, Lisboa, 1936, p. 965: «in Sancta Cecilia». Cf. a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, XXIX, s. v. *Sobrado*, p. 374 e seguintes.

[18] Sobre a história da antiga paróquia de Ginzo, há já bastante tempo anexada civil e eclesiàsticamente à de S. Pedro de Alvito do mesmo concelho, cf. Teotónio da FONSECA, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, Barcelos, 1948, I, p. 104 e seguintes.

Américo COSTA, no seu *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular*, VI (s. l., 1938), p. 1229, regista apenas, com o nome de Ginzo, mais um casal da freguesia de Faia do concelho de Cabeceiras de Basto, uma povoação da freguesia de Lavradas do concelho de Ponte da Barca e um lugar da freguesia de Gandra do concelho de Ponte do Lima. Informa ainda o mesmo Autor (*ibid.*, p. 1228) que existe um lugar chamado Ginjo na freguesia de S. Tomé de Negrelos do concelho de Santo Tirso.

[19] *Portugaliae monumenta historica, Inquisitiones*, vol I [parte I], Lisboa, 1888, pp. 107, 305.

sendo oriundo de Ginzo, Barcelos, peregrinasse repetidas vezes por Castelo de Paiva [20].

3. Mas há mais:

Por duas cantigas de escárnio [21] de D. João Garcia de Guilhade, é conhecida a existência de um jogral de nome Martim («Martin jograr»), até hoje não identificado [22].

Pois bem: admitida a naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo, fica, por isso mesmo, satisfatòriamente identificado o referido jogral Martim. Na verdade, nada há mais natural do que ser português e oriundo da região barcelense o jogral mencionado por um trovador português oriundo dessa mesma região, como era D. João Garcia de Guilhade. Ora nestas condições está o poeta que era *Martim* de nome, *jogral* de profissão, e oriundo de *Ginzo,* topónimo existente em Portugal e no próprio concelho de Barcelos!

Outro elemento para a identificação de «Martin jograr» com Martim de Ginzo pode-se ainda vislumbrar no facto de este último haver participado numa expedição guerreira. Com efeito, não é difícil supor que tal fosse também o caso de «Martin jograr»: sabido que D. João Garcia de Guilhade passou por Segóvia, a noroeste da serra de Guadarrama, porventura incorporado nalguma expedição

---

[20] Talvez não seja tarefa impossível a de atinar com os motivos concretos que levaram Martim de Ginzo a relacionar-se com a terra e a gente de Castelo de Paiva. Pode ser que noutra ocasião venha a expor, a tal respeito, o que neste momento ainda não passa, para mim, de boa conjectura. Entretanto, voltando às considerações de ordem genérica, deixo aqui este oportuno trecho de Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS (*Cancioneiro da Ajuda,* Halle, 1904, II, pp. 647-648) acerca do modo de vida dos jograis:

«Afim de propagar as canções do trovador, seu amo, é que naturalmente o jogral viajava frequentemente, ora no sequito d'elle, ora independentemente, posto que por ordem alheia, ora por conta e risco proprio. Nessa vida aventureira, tangia um dia em salas principescas cantares de mèstria, outro dia psalmos e hymnos sacros na capella; hoje trovas de folgar na praça publica, nas tafurarias e tabernas; àmanhã no adro da igreja, em terreiro de romaria, ou nas eiras dos grandes lavradores, chacotas, bailadas e cantigas de villão, para em seguida deleitar pastoras-serranas ao passar das cordilheiras. Hoje lautamente agasalhado, àmanhã em cabanas sobre cama de palha, ou ao relento; bem galardoado ás vezes, outras vezes sem um dinheiro na algibeira; a pé, em besta ou a cavallo, segundo as suas posses, — verdadeiro bohemio e vagabundo».

[21] *CVM* e *CVB,* n.^{os} 1101 e 1102; *CBNM,* n.^{os} 1403 e 1404.

[22] Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS (*Cancioneiro da Ajuda,* II, p. 411, nota 1) diz: «Ignoro quem fosse». Da mesma incerteza partilha José Joaquim NUNES (*Poesia galego-portuguesa ou trovadoresca,* na *História da literatura portuguesa ilustrada,* dirigida por A. FORJAZ DE SAMPAIO, I, p. 102).

contra os mouros da Andaluzia [23], fàcilmente se poderá também admitir que o ilustre trovador fosse então acompanhado por algum jogral ao seu serviço, qual poderá ter sido «Martin jograr». A reforçar esta hipótese, há o facto de vários poetas haverem tomado parte nas campanhas de Fernando III na Andaluzia [24], e a circunstância de numa delas — na conquista de Sevilha em 1248 — se encontrar D. Paio de Azevedo, da casa de Azevedo da freguesia da Lama do sobredito concelho de Barcelos [25].

4. Finalmente, há um argumento precioso, de que o leitor já deu conta, certamente: é a admirável convergência de tantas probabilidades apresentadas — maiores umas, outras menores — a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo.

Por todas estas razões, creio respeitar os dados da questão e a boa crítica histórica, extraindo de tudo o que fica exposto a seguinte conclusão: *Martim de Ginzo foi um jogral português oriundo, mui provàvelmente, de Ginzo, Barcelos.*

---

[23] Na cantiga n.º 238 do *Cancioneiro da Ajuda* (p. 138 da edição de Henry H. CARTER, Nova Iorque — Londres, 1941), o trovador diz: «vin aqui a Segobia morrer». Cf. a revista *Cenáculo*, I (1945-1946), pp. 163, 165.

[24] Cf. R. MENÉNDEZ PIDAL, *Poesía juglaresca y juglares* [4], pp. 107-108.

[25] Cf. Teotónio da FONSECA, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, I, p. 277.

C. M. B
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos
26831
Martim de Ginzo, jogral
português